

TRAJETÓRIAS REPRODUTIVAS E ABORTO

Valéria Pereira de Souza*

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo descrever o panorama das trajetórias reprodutivas de jovens residentes nas três capitais brasileiras e explorar possíveis associações com características sócio-familiares e relativas ao modo de entrada na sexualidade. O presente trabalho contemplará apenas os dados quantitativos do inquérito domiciliar – Pesquisa GRAVAD, Estudo Multicêntrico sobre Juventude, Sexualidade e Reprodução, realizado de outubro de 2001 a janeiro de 2002 em Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Os dados foram produzidos através de entrevista face-a-face, utilizando-se um questionário com perguntas fechadas, cuja amostra foi constituída em torno de 4634 jovens, com idade entre 18 e 24 anos. Através dos resultados encontrados, foi verificado que a maioria dos(as) jovens não viveu o fenômeno da gravidez. Os(as) jovens sem gravidez e aborto provocado eram sobretudo brancos(as), solteiros(as), tinham alta escolaridade, pertenciam a famílias de alta renda. Estes jovens também referiram uma entrada na sexualidade de modo mais protegido. De modo distinto, a maioria dos(as) jovens que tiveram experiência de gravidez terminada em filho ou perda, com ou sem aborto tinha baixa escolaridade, pertenciam a famílias de baixa renda e eram unidos(as)/casados(as). A origem social dos jovens está portanto associada à possibilidade de postergar a parentalidade, que pode por sua vez estar relacionada com a intenção de continuar com os estudos.*

Palavras-chave: Sexualidade; Aborto; Gravidez na adolescência

INTRODUÇÃO

O Brasil, nas últimas décadas, vem registrando queda da fecundidade em todas as regiões do país. A utilização dos métodos anticonceptivos reversíveis, centrada na pílula hormonal, concomitantemente com a crescente preferência pela esterilização feminina, além do recurso ao aborto provocado, foram fatores importantes para esta queda. Na última década, verificou-se uma redução das taxas de fecundidade em quase todas as idades a partir dos 20 anos, com as únicas exceções deste fenômeno sendo encontradas entre as adolescentes (15 a 19 anos), em que se observa um aumento desta taxa, entre os anos de 1980 e 2000 (IBGE, 2000).

Segundo Aquino (2003), a gravidez na adolescência tem sua visibilidade social destacada ao se observar o aumento relativo das gestações entre menores de 20 anos, quando comparada às demais faixas etárias. Heilborn et al. (2002) também discutem como a mudança da expectativa social sobre os jovens tornou a gravidez na adolescência um evento considerado importante, já que a juventude passa a ser uma fase destinada ao estudo e à preparação para o mercado de trabalho.

A literatura mostra que a gravidez na adolescência ocorre com maior frequência entre as jovens pertencentes aos estratos de renda familiar mais baixo, de menor escolaridade e com história de abandono e/ou repetência escolar (AQUINO et al, 2003; SIMÕES et al, 2003; LOPEZ et al, 1989). Persona et al (2004), analisando o perfil identificado de adolescentes com gravidezes repetidas, observam que, em sua maioria, elas pertenciam a famílias de baixa renda, tinham história de repetência ou abandono escolar, não tinham ocupação remunerada, tiveram a sua primeira relação sexual após um curto intervalo da menarca, já viviam com um parceiro, além de história familiar de gravidez na adolescência, sendo esses dados similares a outros encontrados na literatura.

* Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Orientadora: professora Greice Maria de Souza Menezes.

Sobre o aborto entre as jovens, os estudos mostram que estas têm sobretudo entre 20 e 24 anos, sendo a maioria solteira, dona de casa e/ou empregada doméstica, além de apresentarem história de gestações anteriores (SCHOR, 1990; FONSECA et al, 1998).

Na área da saúde, os estudos que investigam a gravidez na adolescência têm sido realizados entre mulheres usuárias dos serviços de saúde (PERSONA et al, 2004; GAMA et al, 2002; SABROZA, 2004); isso faz com que sua análise fique restrita, deixando de fora as jovens de classes sociais mais favorecidas, como também não permite focar as moças que nunca engravidaram. Outro problema é que os homens raramente são envolvidos nestas investigações.

O presente trabalho integra a Pesquisa GRAVAD, realizada com jovens de ambos os sexos residentes em em três capitais brasileiras – Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre –, cidades com diferentes níveis de desenvolvimento econômico e contextos culturais bastante distintos.

O presente estudo tem por objetivo descrever o panorama das experiências reprodutivas dos jovens e explorar possíveis associações com características sócio-familiares e relativas ao modo de entrada na sexualidade.

A pesquisa contemplará os dados quantitativos do inquérito, realizado através da aplicação de questionário com perguntas fechadas, em uma amostra de 4634 jovens, entre 18 e 24 anos.

A variável dependente deste estudo refere-se à experiência reprodutiva dos jovens. Esta variável foi construída a partir das informações relatadas pelos jovens sobre se já haviam tido iniciação sexual – "Você já teve relações sexuais alguma vez na vida?" e se já haviam tido gravidez(es) e seu(s) resultado(s). Abrangeu as seguintes categorias: 1 – sem experiência de gravidez; 2 – com gravidez terminada em aborto provocado; 3 – com gravidez resultando no nascimento de um filho ou aborto espontâneo e 4 – com gravidezes terminadas em filhos e aborto provocado. Foram assim excluídas as informações sobre as/os jovens que se declararam virgens e que informaram uma gravidez em curso, própria ou da parceira, no momento da entrevista.

As variáveis independentes referem-se a:

- Perfil sócio-demográfico: 1– Idade à época da gravidez: < 20 anos; entre 20-24 anos; 2– Raça/cor auto referida: branca; parda; preta; indígena; 3– Escolaridade do jovem: até fundamental; média/superior (completo ou incompleto); 4– Mobilidade escolar¹: mãe/jovem com escolaridade baixa (até ensino fundamental); mobilidade ascendente (jovem com escolaridade média/superior e mãe com escolaridade até ensino fundamental); mobilidade descendente (jovem com escolaridade até ensino fundamental e mãe com escolaridade média/superior); e mãe/jovem com escolaridade alta (média/superior); 5– Renda familiar per capita mensal: até R\$ 180,00 reais²; R\$ 181,00 reais e mais; 6– Idade ao 1º trabalho: nunca trabalhou ou começou aos 19 e mais anos; antes de 14 anos; entre 14-18 anos; 7– Se está casado/a ou vive com alguém: sim – não.
- Características do contexto familiar: 1– Idade da mãe quando teve o primeiro filho: até 19 anos; 20 anos ou mais; 2– Escolaridade da mãe: ensino fundamental incompleto; ensino fundamental completo; média/superior (completo ou incompleto); 3– Irmãos com filhos antes dos 20 anos: sim; não; 4– Responsabilidade sobre as atividades domésticas: principal responsável ou dividia as tarefas; apenas ajudava ou não tinha qualquer obrigação; 5– Relato de separação dos pais: sim; não; 6– Convívio com pai: sim; não.
- Características correspondentes ao modo de entrada na sexualidade: 1– Idade da iniciação sexual³ - mulheres: 15 anos; 16 - 17 anos; 18 anos ou mais, homens: 14 anos; 15 - 16 anos; 17

¹ Indicador construído a partir de dados acerca do nível de escolaridade do/a jovem e sua mãe.

² Salário mínimo à época da entrevista.

³ Foram adotados pontos de corte diferentes pela diversidade da experiência de homens e mulheres diante da iniciação sexual (BOZON e HEILBORN, 2006).

anos ou mais; 2– Conversa com parceiro sobre contracepção antes da iniciação sexual: sim; não; 3– Uso de contraceptivos na iniciação sexual: sim; não; 4– Idade ao 1º namoro: nunca namorou ou namorou 16 anos ou mais; namorou com 15 anos ou menos; 5– Natureza da parceria na 1ª relação: fixa; eventual; 6– Época ideal para ter filhos: após 20 anos; antes dos 20 anos; 7– Conversa com pai e/ou mãe sobre relação sexual: sim; não; 8– Conversa com mãe sobre métodos contraceptivos e gravidez: sim; não.

Será realizada inicialmente uma descrição do panorama da experiência reprodutiva relatada pelas moças e rapazes (relativamente às suas parceiras). Posteriormente, para testar a associação entre a variável dependente (experiência reprodutiva) e as variáveis independentes, foi realizada uma análise bi-variada. As diferenças entre as proporções foram testadas quanto à significância pelo Qui-quadrado de *Pearson*, com a correção de segunda ordem de Rao e Scott (1984) ao nível de 5%.

A pesquisa GRAVAD foi aprovada pelo Comitê de Ética das respectivas universidades envolvidas no projeto. O termo de consentimento informado foi lido para cada entrevistado/a antes da aplicação do questionário e assinado ao seu final. Este documento, formalizando seu interesse em participar da pesquisa, facultava-lhe a possibilidade de interromper a entrevista, além de garantir a confidencialidade das suas respostas. Durante o treinamento da equipe estes aspectos foram exaustivamente discutidos com os entrevistadores.

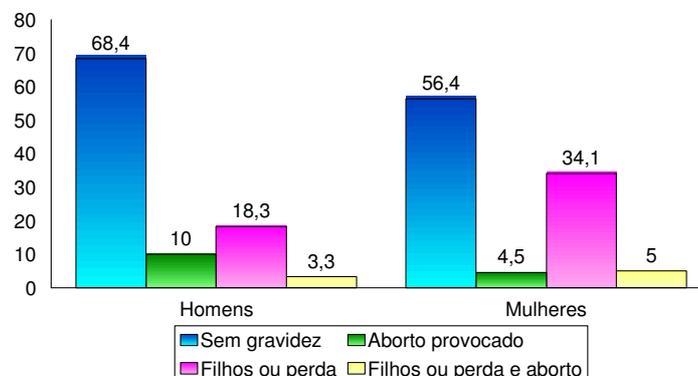
DESENVOLVIMENTO

A Pesquisa GRAVAD entrevistou 4634 jovens, sendo 2.014 homens e 1.972 mulheres. Entre as moças, foram excluídas 445 (18,6%) virgens e 42 (2%) grávidas no momento da entrevista, e entre os rapazes foram excluídos 142 (7,1%) virgens e 24 (1,7%), cujas parceiras estavam grávidas no momento.

Analisando os resultados das moças e rapazes, dentre os(as) jovens que não experimentaram o fenômeno da gravidez, o maior percentual foi encontrado entre os rapazes, no entanto, também foram estes que informaram a maior proporção de abortos provocados. Já entre as moças, um pouco mais de um terço teve a experiência de gravidez terminada em filhos ou perda (Gráfico 1).

GRÁFICO 1

Experiência de Gravidez e Aborto Segundo Sexo



Os resultados do presente estudo permitiram identificar distintas características associadas à tipologia reprodutiva das/os jovens. As moças que não experimentaram o fenômeno

da gravidez eram em sua maioria adolescentes, solteiras, brancas, pertenciam a famílias de renda mais alta, tinham alta escolaridade como suas mães, começaram a trabalhar com mais de 19 anos ou nunca trabalharam, não tinham responsabilidade sobre as tarefas domésticas e suas mães e irmãos não tinham tido filhos na adolescência. Em relação ao modo de entrada na sexualidade, apesar de terem começado a namorar mais cedo, tiveram uma iniciação sexual mais tardia e conversaram mais sobre gravidez e métodos contraceptivos com seus parceiros. As jovens com história de aborto tinham um perfil bastante semelhante às primeiras, diferindo em alguns pontos: eram mais velhas (entre 20 e 24 anos), começaram a trabalhar mais cedo e a entrada na sexualidade se deu de forma menos protegida do que as jovens que não engravidaram.

Esses dados confirmam o que tem sido descrito na literatura. As jovens pertencentes a famílias de origem social mais favorecida têm mais informações e acesso aos contraceptivos. Por outro lado, as jovens que não engravidam ou aquelas que engravidam mas interrompem a gestação têm maiores chances de dar continuidade aos estudos para obterem melhores empregos. Assim experimentam aquilo que tem sido nomeado como "prolongamento da juventude" (HEILBORN et al 2002), com essas jovens permanecendo por mais tempo na casa de seus pais e adiando o ingresso na vida adulta (BRANDÃO, 2003).

A maioria das jovens sem experiência de gravidez e daquelas do grupo que referiu ter tido aborto provocado, não eram casadas. Esses resultados são confirmados por Fonseca et al. (1998) e Souza et al. (2001) ao investigarem o perfil das mulheres hospitalizadas por aborto. A forte associação entre ter feito um aborto e ausência de relação conjugal estabelecida pode indicar a pouca aceitação de uma gravidez fora do casamento, indicando, ainda, as pressões exercidas pela sociedade sobre essas mulheres para que ocultem essa gravidez (HARDY et al, 1994).

Ao realizar a comparação dessas jovens com aquelas com experiência de gravidez terminada em filho ou perda com ou sem aborto, verificou-se que elas, na sua maioria, eram de origem social mais desfavorecida, pois tinham baixa escolaridade como suas respectivas mães, pertenciam a famílias de renda mais baixa, se declararam pretas e tiveram seu primeiro trabalho entre 14 e 18 anos, haviam sido as principais responsáveis pelas atividades domésticas em suas casas e relataram que suas mães haviam tido filho na adolescência. Este foi semelhante a outros estudos realizados no país (SIMÕES et al, 2003; SABROZA et al, 2004; GAMA et al, 2002). Em relação à entrada na sexualidade, estas moças conversaram menos sobre métodos contraceptivos e fizeram um menor uso desses métodos na iniciação sexual. Neste grupo cabe destacar a situação das jovens com relato de mais de uma gravidez terminando em filho ou perda e aborto, pois tiveram o primeiro namoro e a iniciação sexual mais cedo, não conversaram sobre métodos contraceptivos com seus parceiros da IS (Iniciação Sexual) e não utilizaram métodos nessa ocasião. O fenômeno da gravidez antecipa a responsabilidade das jovens para o mundo adulto (MENEZES, 2006). Em relação aos quatro grupos do estudo, as últimas jovens tinham uma posição então mais desfavorável, pois já haviam tido mais de uma gravidez, em um curto período da vida, visto que elas tinham no máximo 24 anos.

Em relação à trajetória reprodutiva dos rapazes, os que não têm história de gravidez das parceiras, tal como as moças entrevistadas, eram, em sua maioria, adolescentes, tinham ensino médio ou superior, pertenciam a famílias de renda mais alta, se declararam brancos, tiveram seu 1º trabalho entre 14 e 18 anos e não eram casados. Diferentemente das moças, os rapazes cuja gravidez da parceira terminou em aborto provocado diferem daqueles do primeiro grupo de jovens, pois eram mais velhos e tinham estudado até o ensino fundamental. Perfil muito parecido foi encontrado entre os jovens com experiência de filho ou perda, com ou sem aborto, embora estes últimos pertencessem a famílias de renda mais baixa. Confirmando o resultado encontrado entre as mulheres, verificou-se entre os homens a associação entre gravidez, renda familiar e escolaridade.

Quanto às características do contexto familiar, identificaram-se três grupos muito parecidos (jovens com relato de aborto provocado das parceiras e aqueles com experiência de gravidez terminada em filho ou perda), pois suas mães tiveram filhos na adolescência.

Analisando o modo de entrada dos jovens na IS, foi possível observar que os jovens que tiveram uma iniciação mais tardia foram aqueles sem relato de gravidez das parceiras, já os outros três grupos tiveram a IS mais precoce.

Como as moças, os jovens com filho ou perda e aborto também apresentam características distintas, tendo começado a namorar e ter relações sexuais mais cedo e tendo menor utilização de métodos contraceptivos na iniciação sexual.

O modo de entrada da atividade sexual dos jovens envolve alguns fatores que podem ter grande influência sobre o curso de suas trajetórias reprodutivas. Um aspecto a ser destacado é a conversa sobre a utilização desses métodos entre as parceiras. Foi verificado que as moças tinham uma maior preocupação em relação ao uso de contraceptivos, pois foram elas que apresentaram os maiores percentuais de uso de MAC na IS e que conversaram sobre este assunto com os parceiros, indicando que a responsabilidade pela regulação da fecundidade é assumida por elas. Segundo Schor et al. (2004), a responsabilidade pela contracepção incide diretamente sobre a mulher.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados encontrados neste estudo, verifica-se que os jovens que têm um limitado grau de escolaridade e aqueles pertencentes a famílias de baixa renda, experimentaram com mais frequência o fenômeno da gravidez. Isto evidencia que as baixas condições educacionais e sociais dificultam o acesso a melhores oportunidades, limitando sua ascensão social.

No âmbito da atenção à saúde, o desafio consiste em implementar um maior volume de informações e um melhor acesso aos métodos contraceptivos reversíveis. Para que isto ocorra, faz-se necessário desenvolver normas e práticas nos serviços de saúde, inclusive com ações educativas. Por fim, é preciso que o governo brasileiro invista na escolarização dos jovens, para que eles possam, de fato, exercer seus plenos direitos sociais, inclusive os reprodutivos.

REFERÊNCIAS

- 1 - AQUINO, Estela M. L. et al. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais**. *Cad. Saúde Pública*, 2003, vol.19, suppl.2, p.377-388. ISSN 0102-311X
- 2 – BOZON, M.; HEILBORN, M. L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, M. L. et al. (Org.). **O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond. (in press). (2006)
- 3 – BRANDÃO, E. R. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. Tese. (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- 4- FONSECA, W. et al. **Características sócio-demográficas, reprodutivas e médicas de mulheres admitidas por aborto em hospital da Região Sul do Brasil**. *Cad. Saúde Pública*, Abr 1998, vol.14, no.2, p.279-286. ISSN 0102-311X

- 5 – GAMA, S. et al. **Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda.** *Cad. Saúde Pública*, Fev 2002, vol.18, no.1, p.153-161. ISSN 0102-311X
- 6 - HARDY, E. et al. **Características atuais associadas à história de aborto provocado.** *Rev. Saúde Pública*, Fev 1994, vol.28, no.1, p.82-85. ISSN 0034-8910
- 7 - HEILBORN, M. L. et al. "Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência". **Horizontes Antropológicos**, jun. 2002, vol.8, n. 17, Porto alegre, pp. 13-45. ISSN 0102-7972
- 8- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio - PNAD. IBGE: Rio de Janeiro, 2000.
- 9 - LOPEZ, A. et al. **Gravidez na adolescência: estudo comparativo.** *Rev. Saúde Pública*, Dez 1989, vol.23, no.6, p.473-477. ISSN 0034-8910
- 10- MENEZES, G. M. S. **Aborto e juventude:** um estudo em três capitais brasileiras. Tese. (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- 11 - PERSONA, L. et al. **Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num laboratório de pré-natal.** *Ver. Latino-Am. Enfermagem*, Out 2004, vol. 12, no. 5, p. 745-750. ISSN 0104-1169
- 12 - SABROZA, A. et al. **Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil - 1999-2001.** *Cad. Saúde Pública*, 2004, vol. 20, suppl. 1, p. 112-120. ISSN 0102-311X
- 13 - SCHOR, Néia. **Investigação sobre ocorrência de aborto em pacientes de hospital de centro urbano do Estado de São Paulo, Brasil.** *Rev. Saúde Pública*, Abr 1990, vol.24, no.2, p.144-151. ISSN 0034-8910
- 14 - SIMÕES, V. et al. **Características da gravidez na adolescência em São Luís, Maranhão.** *Rev. Saúde Pública*, Out 2003, vol.37, no.5, p.559-565. ISSN 0034-8910
- 15 - SOUZA, V.L.C. et al. **O aborto entre adolescentes.** *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Abr 2001, vol.9, no.2, p.42-47. ISSN 0104-1169